



Passatempos de papel

Crossword Puzzles

ERNESTO RODRIGUES

Universidade de Lisboa



Resumo: O ensaio estuda os quebra-cabeças – charadas, enigmas, logogrifos e mais – presentes em publicações periódicas do século XIX e começo do século XX. Estabelece, também, uma relação com autores e textos da prolífica tradição ibérica barroca ou tardo-barroca: Afonso de Alcalá e Herrera, José Joaquim Bordalo, Antonio Vieira, Manuel de Figueiredo, etc. Por último, o texto apresenta em detalhe quebra-cabeças de duas significativas publicações: *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Anno de 1891* (1890) e *Almanach Litterario e Charadistico para 1881* (1880).

Palavras-chave: Almanagues; Charadas; Enigmas; Logogrifos

Abstract: The article discusses the puzzles – charades, enigmas, logogriphs etc. – published in some periodicals of the 19th century and the beginning of the 20th century. It also outlines their relation with authors and texts of the fecund baroque or post-baroque Iberian tradition: Afonso de Alcalá e Herrera, José Joaquim Bordalo, Antonio Vieira, Manuel de Figueiredo, etc. The text presents with details some puzzles of two significant publications: *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Anno de 1891* (1890) and *Almanach Litterario e Charadistico para 1881* (1880).

Keywords: Almanacs; Charades; Enigmas; Logogriphs

Charadas, enigmas e logogrifos compõem os passatempos que mais esforço intelectual requerem dos leitores da Imprensa de recreio e de almanagues, num sisudo século XIX. São raros os anagramas e metagramas; e, a pouco e pouco, avança-se para quebra-cabeças, paciências numéricas, geométricas e silábicas, palavras cruzadas, incompletas e entrelaçadas, descubra as 5 ou 7 diferenças, adivinhas e perguntas de algibeira. Uma destas: “Quando é que uma formiga pode ultrapassar um automóvel?” Resposta: “Quando o automóvel estiver parado.” As anedotas tendem a substituir tanto sacrifício. Exceptuam-se as páginas da especialidade, em que cumpre citar *O Charadista/Revista Mensal de Charadas*, Lisboa, desde 1 de Janeiro de 1922, que reitera aquela trindade, e, quando ilustrado, qualifica o enigma de *pitoresco*, já, para outros, enigma *figurado*, nem sempre de fácil resolução.

Entretanto, a Imprensa internacional aposta no bridge e no xadrez. No tocante ao xadrez, terá sido *O Museu Portuense* a demonstrar pioneiro interesse, ilustrando as páginas com posições no tabuleiro. Ver os números 2, 15-VIII-1838 (“O jogo do xadrez”), e 3, 1-IX-1838 (“Satanaz jogando o xadrez”). “O jogo do xadrez” será folhetim de Francisco de Guilherme de

Sousa n’*A Opinião Popular* (Lisboa, n. 31, 6-IX-1868). O “semanário crítico-humorístico” *A Vespa* (Porto, 7-V-1893) comporta problema, também reproduzindo situação no tabuleiro: “Jogam as brancas e dão mate em quatro lances.” Estranhamente, o tão celebrado “jornal de instrução e recreio” que foi *O Panorama* (1837-1868) esquece estas formas cerebrais e de lazer. Honras maiores em tal diversidade merece o *Almanaque de Lembranças*, oferecendo, desde 1850, dezenas, mesmo centenas, de problemas. Além de raros enigmas – simples, figurados ou pitorescos –, prefere os logogrifos e as charadas. Tem uma vastíssima colaboração de Portugal, Ultramar e Brasil, em que convém distinguir a participação feminina (entrevemos raras autoras celebradas no tempo, como Guiomar Torresão e Maria Peregrina de Sousa).

O logogrifo particulariza-se em enigmático, acróstico, por letras, etc. A charada diversifica-se bem mais: é gramatical, em quadro, enigmática, invertida (*atal – lata*), decapitada, em losango, adicionada ou novíssima, telegrama, em triângulo, duplicada, mapa, hexagonal, circular, em terno por sílabas, em forma de conto, teatro, ou geograficamente situada (pelotense, riograndense, seja, de Pelotas e do Rio Grande do Sul), etc. Os dicionários

acrescentam outras modalidades. Uma das grandes dificuldades, hoje, é que não nos ocorre jogar com a grafia do tempo, pelo que somos incapazes de vencer muitos desafios.

Entre o surgimento dos vocábulos portugueses *enigma*, em 1543, e *charada*, em 1844, o termo *logogrifo*, anterior a 1716, tira muito da sua obscuridade do mítico grifo, metade leão, metade águia, que inspiraria peça de Manuel de Figueiredo, *A Grifaria*, com introdução datada de 1777. No logogrifo – *logos+griphos* = enigma verbal –, adivinha-se uma palavra pela decifração prévia de palavras somando as mesmas letras, em ordem diversa, daquela. Por exemplo:

O sol é a fonte d'ella – 10, 5, 3.
 Nota que a lyra tem – 4, 11.
 Parte do verbo que olha – 6, 9
 E macaquinho também – 8, 7, 1, 2. (p. 141; no quarto verso, erradamente, aparece 6, 7, 1)

Se adivinharmos as palavras *cor*, *dó*, *vi*, *nico*, e colarmos as letras segundo os algarismos propostos, encontraremos o conceito requerido na segunda quadra: *cordovínico*.

Na charada, busca-se “uma palavra de várias sílabas decomposta em partes correspondentes a uma palavra definida ou a uma figura”, segundo Houaiss. Por exemplo:

Districto japonico,
 Não é do Brazil, – 2
 No Brazil vegeta
 Palmeira gentil. – 2
 Cercada, batida
 Das ondas do mar,
 Em sítios remotos
 Me ireis encontrar.

Akiaki. Presente o algarismo 2 nos versos 2 e 4, divide-se essa palavra em duas sílabas. A segunda quadra especifica ser “Cercada, batida / Das ondas do mar”, como é esse atol, na Polinésia Francesa.

Trago aqui exemplos, primeiro, do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Anno de 1891* (Lisboa, 1890), que lista, a p. 34-37, por ordem decrescente, os decifradores brasileiros das 151 charadas, enigmas e logogrifos de 1890, indicando, ainda, os respectivos estados, províncias e localidades. À frente, p. 39-41, elenca-se a solução de tais charadas, enigmas e logogrifos. Este volume diz comportar dois acrósticos e quatro anagramas – de facto, só quatro acrósticos, cuja dificuldade é resolvida num tipo de letra carregado –, importando-nos 83 charadas, 24 enigmas e 63 logogrifos, num total de 170 peças para reflexão durante um ano.

Volume de 480 páginas, começam os passatempos na p. 131 com a charada acima. A segunda é uma novíssima: “1 – 2 – Esta rude interjeição e esta ave é uma ave.” (p. 137). Vejamos: é interjeição de uma sílaba, acrescentada de nome de ave com duas sílabas. Logo, resulta uma ave de três sílabas. Solução: *Xofrango*, ou águia-pescadora, presente na Bíblia. Terceira, aguda:

Move-me o vento – 1
 E vento eu faço – 2
 Ando de contento
 Sou preto palhaço. (p. 152)

Temos uma sílaba, que, acrescida de palavra com duas sílabas, dá um preto alegre. Com uma sílaba, o vento move a mó de moinho; e o que, em duas sílabas, faz vento? Um leque. Logo, moleque. Outra, simples: “2 – 2 – Esfria n'este vaso esta substancia” (p. 219). Pedem-se duas palavras de duas sílabas: *gela+tina* = gelatina. A língua desencontra-se nestoutra: “segura, mas nega, esta affirmativa – 2 – 2” (p. 252). Firme + mente = Firmemente. Atentemos em charadas duplas, anagramáticas, com duas sílabas: o que é homem, e claro? Raul – luar; o que é conta, e está nas árvores? Somar – ramos; o que diz o padre, e se compara? Missa – assim (p. 319). Outra, por sílabas:

Aqui vê um animal – 2
 Animal aqui se vê – 2
 Isto é falso, isto é mentira,
 É coisa que ninguém crê. (p. 458)

Pata + rata = Patarata.

Misto de charada e enigma, em terno por sílabas, eis uma, notável:

É longa e estreita a segunda,
 Uma medida a primeira,
 Na machina, olhando bem,
 Vês facilmente terceira. (p. 187)

Solução:

Cân ta ro
ta cha da
ro da gem

Enigmas, propriamente, podem relevar da adivinha:

Hei na música logar,
 Jogo também posso ser,
 Sendo também de terreno
 Dança também hei de ser. (p. 133)

Solo.

De tradição literária e mítica balançando entre ludismo e seriedade, à sua coloração esfíngica dedica Johan Huizinga páginas luminosas em *Homo Ludens* (1938). Não é a vida uma série de perguntas e respostas? E acertaremos? Tem Huizinga explicação para o reduzido ludismo oitocentista, de que devera exceptuar almanaques, concorram embora, em parte, para uma distração produtiva:

Ni el liberalismo ni el socialismo le ofrecen alimento. La ciencia experimental y analítica, la filosofía, el utilitarismo y el reformismo políticos, el manchesterianismo, todas son actividades profundamente serias. Y cuando el entusiasmo romántico se ha agotado en el arte y en la literatura, aparecen, con el realismo y el naturalismo y, sobre todo, con el impresionismo, formas de expresión más ajenas a la idea del juego que cualquier cosa que haya florecido antes en la cultura. Si alguna vez un siglo se ha tomado a sí mismo y a toda la existencia en serio, éste es el siglo XIX.

Os logogrifos são mais complicados. Um, típico:

Na floresta procurai-me, – 4, 2, 3
 Uma pedra encontrareis – 9, 10
 Se te alegras, olha bem, – 6, 7, 8
 Sem este mal andareis. – 1, 5
 Esta classe desgraçada
 Anda sempre despresada. (p. 437).

Reconhecendo *pau, mó, ris, pé* – e descurando acentos –, encontrávamos *pauperismo*.

Estas *jongleries* silábicas têm um longo historial, desde os “grands rhétoriqueurs”, que Paul Zumthor estuda, em, por exemplo, *Le Masque et la Lumière* (1978). O movimento OULIPO levou o jogo ao extremo, sem esquecer homenagem ao nosso Alonso de Alcalá y Herrera (ou Affonso de Alcalá e Herrera, Lisboa, 12-IX-1559/21-XI-1682). Em “Notícia a quem ler” abrindo *Jardim Anagrammatico de Divinas Flores Lusitanas, Hespanholas e Latinas. Contém seiscentos oitenta e três anagrammas em prosa e verso, e seis hymnos chronologicos* (Lisboa, 1654), explica:

Tracey os mais opusculos adjuntos de Anagrammas, que, de varia poesia adornados, agora nas três Linguas (lusitana, hespanhola, latina) [...] te presento, para que os poucos affectos á Lusitana, se desenganem, que he ella por si só capaz de se poder fabricar nella, tudo o que na Latina.

Maior dificuldade significaria, contudo, *Novo modo, curioso, tratado e artifício de escrever assim ao divino como ao humano com uma vogal somente, excluindo*

quatro vogais (Lisboa, 1679), com cinco décimas em espanhol e sete em português. Não é difícil escrever poemas ou romances de centenas de páginas sem uma ou quatro vogais... Após Alcalá y Herrera, grande feito está em José Joaquim Bordalo (Elvas, 1773 – Lisboa, 1856), autor de *Collecção de Cinco Rarissimas Novellas em cada uma das quaes se não admite certa vogal* (1836, 1859, 1865).

Ora, se estes lipogramas exercitam a paciência, pede raciocínio a tradição profética nacional, de que Vieira é modelo, jogando ora com letras, ora com números, na carta de 29 de Abril de 1659 ao padre André Fernandes, bispo do Japão, conhecida por *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*, em que interpreta as *Trovas do Bandarra*.

Balanço-síntese dos séculos XVII e XVIII na sua variedade poética e visual (com recuo a Camões e seus contemporâneos), fez Ana Hatherly em *A Experiência do Prodígio*. Após capítulo introdutório, antologia labirintos, sendo um caligramático – caso de poema-cruz (p. 91) –, outro, um soneto acróstico (p.111); prossegue com acrósticos, anagramas, emblemas, empresas, enigmas, rebus, escrita ropálica, texto-amuleto, calígrafos, ecos, versos centónicos ou mosaicos, macarroneas [*sic*], lipogramas, versos de cabo roto. Enquanto a charada e o logogrifo se tornarão presas democráticas, com participação universal e destacadamente feminina, levando à constituição de tertúlias (em Portugal, veja-se o bem escolhido nome da Tertúlia Edípica), o enigma é um exercício da aristocracia e da nobreza de toga, desde Gil Vicente. Há um, excelente, de João de Barros, na *Gramática da Língua Portuguesa* (1539):

Ainda o pai não é nado,
 Já o filho anda por cima do telhado.

O que é? O fumo. Logo, há fumo sem fogo...

Após insípidos *Passa-tempo Curioso...* (1765) e *Passatempo Dramatico...* (1775, 1790), sai, em 1788, e sempre em Lisboa, *Passatempo Honesto de Enigmas e Adivinhações* (1793, 1817, 1893). Transcreve-se, deste, um enigma em Ana Hatherly:

Não he ave nem mulher,
 E tendo de ambas o nome
 Voa sem ninguém a ver,
 Tem com Deos grande poder,
 E nunca bebe nem come.
 Três irmãs entre outras tem,
 Que só de noite aparecem,
 E nos brados se conhecem,
 Quando estas três aves vêm
 As de mais desaparecem.

Declaração deste enigma

Ave Maria tem nome de ave, e de mulher, que he Maria, as três irmãs são as três Ave Marias que rezamos de noite, quando as outras aves se recolhem, como lá diz o verso.

Refiro segundo almanaque, mais difícil de encontrar. Trata-se do *Almanach Litterario e Charadistico para 1881*, de Matheus Peres, Lisboa, 1880, exemplar em falta na BNP. Colaborado por alguns dos melhores intelectuais em tempo de tricentenário camoniano, por aí passaram, até ao sétimo ano de edição (do editado em 1879, também ausente da BNP, até 1885, descontado, ainda, o de 1883, igualmente em falta), Fialho de Almeida (“Eça de Queiroz”, 1882, 163-166; “As rãs”, 1884, p. 174-176; “Romarias”, 1885, p. p. 74-77), Manuel Duarte d’Almeida, F. Gomes de Amorim, Joaquim de Araújo, Guilherme de Azevedo, Beldemónio, Alberto Braga, Teófilo Braga, Sampaio Bruno, Fernando Caldeira, Maria Amália Vaz de Carvalho, Xavier de Carvalho, M. Pinheiro Chagas, Latino Coelho, A. X. Rodrigues Cordeiro, Gonçalves Crespo, João de Deus (“Graça”, 1881, p. 171; “Supplica d’uma pobre”, 1882, p. 7; “Pobre cega!”, 1884, p. 17; “As crèches”, 1885, p. 17; várias charadas em 1880; em 1881, p. 192; 1882, p. 192; 1884, p. 224; 1885, p. 192), José Simões Dias, A. Feijó, Cândido de Figueiredo, Amélia Janny, Guerra Junqueiro (“Divan”, 1881, p. 35; “Sobre uma campa”, 1882, p. 186; “Creanças...”, 1884, p. 163), Fernando Leal, Gomes Leal (“Phantasia”, 1881, p. 161; 1882, p. 80-81; “A umas mãos pequeninas”, 1884, p. 142), João de Lemos, Magalhães Lima, Júlio César Machado, Marcelino Mesquita, António Nobre (“E.”, 1884, p. 210); Ramalho Ortigão (“O carapau”, 1882, p. 97; “Teophilo Braga”, 1884, p. III-XIII; “Excerpto”, p. 143-144; “As alforrecas”, 1885, p. 137), António de Macedo Papança, Bulhão Pato, João Penha, Alberto Pimentel, Silva Pinto, Teixeira de Queiroz, Antero de Quental (“Mors-Amor, 1881, p. 186; “Epigramma da Antologia Grega // (A uma mulher muito feia, que queria que lhe tirassem o retrato) // Ante ti o genio e a arte / São impotentes, mulher! / Quem hade poder pintar-te / Se ninguem te pode ver?”, 1882, p. 144; “Hymno á rasão”, 1885, p. 16), Tomás Ribeiro, Guiomar Torresão, o também poeta José Leite de Vasconcelos, Queiroz Veloso, E. A. Vidal e Sousa Viterbo. Juntem-se madame Rattazzi, Casimiro de Abreu (“Deus!”, 1882, p. 91) e Joaquim Nabuco.

A resolução dos quebra-cabeças de 1880 é premiada com livros, um palito de prata, um ramo de flores bordado em papel, uma aliança de ouro, álbum para retratos ou almofada bordada. Além das três principais modalidades, propõe variantes, caso da charada-enigma, com salto do cavalo, e da pergunta enigmática: qual o verbo que

ressuscitou, e se lê igualmente da direita para a esquerda e vice-versa? (p. 171) *Reviver*. Nos enigmas, assumem particular interesse os pitorescos. Logogrifos são os costumados:

Querendo podeis jogar, – 4, 2, 6, 8
 Serve-me para te ver, – 8, 6, 7, 2
 Cautella, pôde sujar – 1, 5, 3, 8
 E também pôde doer. – 4, 8, 1, 2

Sendo bom sempre eu acceito
 E dos velhos não regeito. (p 237)

As palavras da quadra são: *solo, olho, ceno* (= lama), *soco*. Conjugam-se em *conselho*.

Mais quantiosos, fiquem exemplos charadísticos: “Mulher! Por seres generosa, és a gloria dos portugueses! – 3 – 1” (p. 6). *Lusíadas*, a partir de *Luzia*. Ou: “No mar brilha este insecto – 2 – 2.” (p. 203) *Vaga + lume = Vagalume*. Terceira: “Uma flor correndo tem misterio – 2 –” (p. 215). *Rosa + rio = Rosário*.

Na verdade, escolhi este almanaque, porque fecha com a charada CII, de João de Deus, tão pródigo nesta especialidade, com que haveríamos de contar em edição crítica da sua poesia completa. Dá-se o caso de “Charada”, em *Campo de Flores*, sendo mais longo poema, não prever a terceira quadra, além de diferença substancial na segunda; ofereço, pois, versão desconhecida de um poema joanino, mostrando como a lírica e autores de nomeada não são alheios a estes passatempos; mais ainda: como encontramos em almanaques inéditos e variantes. Assim, no saído em 1880, “Ligustra Cadunt...” (p. 169), de Gonçalves Crespo, faltou à chamada das *Obras Completas* (2ª ed., definitiva, 1913); o soneto anterior “Plena gratia” (p. 206) mostra ligeiras diferenças textuais em relação ao editado nos *Sonetos* de 1886; e, de João de Deus, “Primeiro amor” (p. 171) também pedia confronto.

Transcrevo a sua charada:

Eu não sei quem seja aquelle
 Que possa passar sem elle – 1

E sem elle nasci eu, [*E com ele passei eu*, em volume]
 Como é publico e notorio
 Do Inferno ao Purgatorio
 E de [*do*] Purgatorio ao Ceu. – 2

Eu provo que um alfinete
 Deve ter cabeça e bico;
 – Provo tudo e tudo explico
 Sem dar nunca estenderete.

JOÃO DE DEUS. (p. 250)

Solução? *Pé + Dante = Pedante*.

Para não fechar tão desagradavelmente, busquemos, ainda de João de Deus, a “Charada LXXI”, inédita, no *Almanach... para 1885*:

Sou partícula, metade;
E outra metade, animal:
Charadas em quantidade – 4

Charada pyramidal. (p. 224)

A solução é fácil: *Logogrifo*.

Referências

DEUS, João de. *Campo de flores*. Poesias líricas completas. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.

HATHERLY, Ana. *A experiência do prodígio*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, 226-227.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Madrid/Buenos Aires: Alianza Editorial/Emecé, 2007.

Recebido: 12 de março de 2011
Aprovado: 05 de maio de 2011
Contato: 123.ernesto@gmail.com